

70 ANOS DE EXISTÊNCIA DO INSTITUTO BAHIANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA E CIÊNCIAS AFINS

OS DOIS DISCURSOS NAS SOLENIZAÇÕES DE INSTALAÇÃO DO INSTITUTO BAHIANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA, EM 11 DE JUNHO DE 1947, TRANSCRITOS POR ANTONIO CARLOS NOGUEIRA BRITTO

NO ESPLENDOROSO SALÃO NOBRE DO PALACETE DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA, DA ENTÃO UNIVERSIDADE DA BAHIA, NO AZO DA SOLENIDADE DE INSTALAÇÃO DO INSTITUTO BAHIANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA, A 11 DE JUNHO DE 1947, O DR. MENANDRO NOVAIS RECITOU O SEGUINTE DISCURSO:

“Não foi por acaso que os idealizadores do Instituto Bahiano de História da Medicina escolheram a data de 11 de junho para a realização desta sua festa inaugural. Feliz circunstância facultou-nos a coincidência da evocação comemorativa de um grande feito da nossa história com a solenidade em que esta nova associação, de objetivos inscritos no seu próprio enunciado, vem proclamar os seus fins, a sua fé, a sua razão de ser. Quisemos, dêste modo, testemunhar a superior inspiração patriótica do nosso grêmio e a modéstia e a singeleza de nossos propósitos de cultivar a história da medicina sem descurarmos a história pátria, fonte de exemplos e incentivos para realizações maiores.

HISTÓRIA DO INSTITUTO BAHIANO

Em 29 de novembro passado, no salão da biblioteca da ABM, efetuava-se a primeira reunião preparatória do ato que hoje assistimos. Éramos 14 presentes àquela primeira troca de vistas. Recebera eu de Ivolino Vasconcelos a pesada tarefa de coordenar a organização da filial bahiana do Instituto Brasileiro de História da Medicina, quando, em maio de 1946, encontrava-me no Rio de Janeiro. Convidado a participar de uma reunião na Policlínica Geral, fui surpreendido com a pública intimação para organizar o Instituto Bahiano, por entre severas e oportunas sugestões quanto às responsabilidades da Bahia em face do seu passado de tradições e de glórias. Nem pude tartamudear uma desculpa, siderado com a aclamação do meu nome para Delegado do Instituto, com a especial incumbência de fundar neste Estado uma sucursal daquela vitoriosa instituição. Lembro-me, ainda, no agradecimento que alinhabei, de haver proclamado os méritos de Ivolino como organizador do Comitê de Propaganda do memorável Congresso médico-social que se realizou na Bahia, missão que lhe eu impusera e à qual emprestou êle todo o vigor do seu onipresente dinamismo. Advertindo não ser um cultor dos assuntos históricos, levantei, timidamente, o meu conceito pessoal sobre esta específica atividade cultural, acentuando o caráter eminentemente crítico e científico que devera ter um Instituto de História da Medicina, fugindo ao sentido narcisista,louvaminheiro e heroico que na generalidade anima e configura os estudos historiográficos entre nós. Finalmente, procurei fixar a contribuição bahiana a uma iniciativa de tão alto relevo, destacando a galeria de grandes mestres bahianos desaparecidos, que, sob a gestão de Silveira, se tornou esplêndida realidade na Associação Bahiana de Medicina.

Voltando à Bahia, cinco meses transcorreram por entre sondagens, convites, apelos e rogativas. Ao acolhimento cético de uns, seguiam-se pálidas promessas de colaboração de outros. À necessidade de meditada apreciação dos estatutos por poucos, sucediam-se a estranheza e o repúdio sumário de muitos colegas. Hesitava eu por entre impressões as mais diversas, sendo certo que marcada influência deixavam em mim as palavras de desalento. Não sei até que ponto eu próprio era responsável por aquelas frequentes crises de desânimo que me avassalavam. Demonstrava eu o conveniente entusiasmo pela idéia ao formulá-la aos amigos e colegas? Em que escala a aridez do meio bahiano estaria influindo contra a germinação da iniciativa? Valeria a pena criar mais uma sociedade, destituída de sentido prático aparente, quando as associações existentes viviam do aconchêgo e da constância de meia dúzia? Com que elementos poderia seguramente contar para entreter a vida do Instituto pelos anos afora, depois de passado o frêmito do entusiasmo inicial? Como assegurar à sua organização um caráter unitário e impessoal, neutralizando o domínio sectarizante e de grupos e de pessoas, o que tantas vezes leva à ruína nossas sociedades? Como atrair a confiança e o interesse dos estudiosos de história da medicina, que os há muitos entre nós, no sentido de prestigiarem a nova entidade? Como desarmar as possíveis reservas e objeções que se levantariam ante o fato de não possuir eu credenciais maiores que a honrosa delegação do Instituto Brasileiro?

Fervilhavam estas interrogativas dentro em mim, ao tempo em que, sobre o meu trabalho, fazia inteligente pressão, Ivolino Vasconcelos, através de cartas a Tobias Neto, Fernando S. Paulo, Hélio Simões e Aristides Novis. Sob estímulos tão salutares, pudemos reunir-nos pela vez primeira, às vésperas da comemoração do primeiro aniversário do Instituto Matriz. Foi uma legítima e memorável mesa redonda o nosso primeiro encontro. Todos falaram e se comprometeram a trabalhar pelo Instituto.

Rondava, entretanto, a nossa mesa, o demônio do ceticismo. Foi crença generalizada que um organismo nos moldes estabelecidos pelos estatutos do Instituto Brasileiro jamais poderia ter vida eficiente na Bahia. Nossas possibilidades eram diminutas, o meio estéril a realizações daquele tipo e o fracasso da idéia era o mínimo que se poderia esperar. Faríamos um outro estatuto, calcado no modelo enviado, adaptaríamos a empresa às condições locais, realizaríamos obra mais modesta. Esclarecimentos posteriores, acompanhando caloroso apelo no sentido da preservação da unidade estatutária, com que igualmente preservado ficaria o espírito federativo que inspirou a criação dos Institutos filiados, levaram-nos a capitular, fazendo-se apenas leves retoques na letra do estatuto original no que tange à obrigatoriedade de contribuições, de molde a torná-las acessíveis a todos os titulares.

Outras dificuldades nos espreitavam. Tínhamos de preencher os claros dos membros titulares com que iniciariamos as atividades do Instituto. De uma relação numerosa de conhecidos cultores destes estudos, foram escolhidos, através de discussão franca e cordial, trinta médicos, 3 dentistas, 3 veterinários, e igual número de farmacêuticos e químicos, compondo o quadro inicial de 42 titulares do Instituto. Não tivemos, contudo, a pretensão de identificar e atrair todos os amantes deste ramo do conhecimento médico. Por isso, reservamos 10 lugares de médicos e 2 de cada uma das profissões acima aludidas, para serem disputados por quanto queiram conosco cooperar, mediante as normas estabelecidas em nossa lei básica que prevê a inscrição do candidato, com apresentação de trabalho inédito e posterior dos seus títulos, em reunião especial.

Faltava-nos a providencia final, antes que aqui viessemos conclamar o apoio e generoso estímulo de quantos nos honram com suas presenças, a escolha dos primeiros dirigentes, dos responsáveis pelos destinos da agremiação durante o primeiro triênio. Norteou-nos, neste passo, a escrupulosa preocupação de assegurar aos representantes das profissões afins, destacada posição e responsabilidade idêntica na vida da instituição recém-nata. Não nos moveram intuítos exclusivistas nem desejo de preponderância do grupo médico, mais numeroso, sem dúvida. Quando convocamos farmacêuticos, dentistas, químicos e veterinários para se unirem a nós na investigação dos dados históricos, que marcam o progressos destas ciências, repartimos com eles os louros e honrarias, os gravames e deveres. A Sá Oliveira, confiamos a sorte do nosso grêmio como seu primeiro presidente, seguros do seu devotamento aos objetivos supremos da nossa causa. Seu austero idealismo, seu pendor para os estudos históricos, enchem-nos de justificada esperança na realização dos sonhos e empreendimentos que projetamos para honra e grandeza da cultura médica baiana, à qual procuramos servir com todo o entusiasmo. Convocamos a prestar serviços ao Instituto, em outros cargos de direção, alguns dos mais constantes colaboradores, recrutando vocações as mais diferentes, desde o inconformismo de Jesuino Neto ao sereno entusiasmo de Otavio Torres, todos inexcedíveis em devotamento à causa comum.

Foi assim, depois de vencer estas primeiras etapas, que já conferem ao Instituto a sua história própria, que aqui chegamos para marcar a trajetória de novos avanços. Constituindo-se aparentemente, um núcleo fechado, uma espécie de academia, um cenáculo de doutores, uma torre de marfim onde se acastelam sonhadores, poetas e evadidos da medicina, bom será que se diga que, ao contrário disso, buscaremos onde se encontrem, quantos se interessarem pelo nosso trabalho, dispostos como estamos, honesta e francamente, a todos acolher num círculo fraternal em que se pesem e estimulem os estudos da história da medicina, de preferência aos galardões de títulos ocasionais.

FINALIDADES PRINCIPAIS

Dentre as múltiplas finalidades do Instituto que hoje se inaugura, vale salientar 3, apenas, que bastam para sagrá-lo como de inegável eficiência: 1º - o debate e difusão de todos os problemas atinentes à história da Medicina, Farmácia, Veterinária, Odontologia e Química, numa visão de profundo conteúdo humanista de todas as fases do desenvolvimento das mesmas, partindo do seu conhecimento empírico até a atual configuração científica, que todas elas modernamente têm; 2º - as salvaguardas dos superiores interesses da cultura médica, com vigilante proteção ao nosso pequeno patrimônio científico, com a preservação de documentos e peças de valor histórico, com o fortalecimento das nossas instituições tradicionais que asseguram a continuidade do progresso da medicina, tanto no setor do ensino como no assistencial, com o culto às grandes figuras de sábios e pesquisadores, cujo apostolado na cátedra, no laboratório e na cabeceira dos enfermos ou cujos serviços ao país e à coletividade os tornem credores da gratidão dos pósteros. E, por fim, a solícita disposição de colaborar com os poderes públicos para fornecer-lhes os elementos que acaso venham a necessitar dentro deste campo especializado de pesquisas.

Aos espíritos sedentos de cousas práticas, aos realistas, aos temperamentos avessos a toda forma de especulação, não há, entretanto, como fazer valer estas vantagens. Não lhes restará mais que recolher a inspiração de Robison Crusoe na sua ilha. E, ao enfrentar qualquer problema, tratá-lo como se o passado não houvesse existido. Laennec já os houvera ferreteado ao dizer que “o desprezo da sabedoria antiga é um caráter comum a todos heresiarcas da medicina”, ao que o velho Trousseau acorreu para dizer da sua geração: “somos uma geração de heresiarcas”.

CONFLITO DE DUAS TENDÊNCIAS

O desdém pelo passado, a incompreensão do valor de preocupações desta natureza, sem interesse prático imediato, é um sinal dos tempos que vive a medicina como técnica científica. Vivemos sob o signo da análise, da busca do particular, da investigação de dados isolados. Florescem a química biológica, a histologia, a bacteriologia e a anatomia patológica, nas multiplicidades das técnicas de laboratório. Desaparece o gôsto pelas idéias gerais, as preocupações filosóficas são indício de insânia mental, enquanto o surto industrial fornece mil instrumentos para experimentação, desordenada, sem plano, mas capaz de fornecer a surpresa de descobertas acidentais. Superestima-se o micróbio em face ao terreno, separa-se o orgânico do psíquico, ignoram-se os fatores ambientais na gênese do acidente mórbido. Decai o espírito clínico, enquanto as especializações se multiplicam num delírio de dispersão simplista e estéril. É o reinado da medicina anatomo-clínica.

A estas tendências ligeiramente esboçadas, opõem-se, mais modernamente, outras diretrizes que, englobando os fatos acumulados durante todo o período em que predominou o espírito de análise, acenam com uma orientação nova, um rumo definitivo para as atividades médicas. Assistimos, na hora que passa, ao ressurgimento do espírito de síntese que inspirou toda a obra hipocrática. O equilíbrio destas duas tendências, aparentemente divergentes, marca uma decisiva etapa no progresso da medicina. Allendy fixou de maneira lapidar que “as ciências

sempre progrediram pelo jogo alternado da análise e da síntese. Encontramos séculos especialmente preocupados em registrar fatos ... Depois, vêm outros períodos que se esforçam por classificar estes fatos esparsos, de descobrir as idéias mestras, capazes de polariza-los e orientá-los, isto é, de explicá-los por teorias gerais.”

Dentro destes rumos hodiernos, os problemas médicos são entrevistados de maneira global, o organismo é encarado como um todo, mais evidentes se tornam as relações da medicina com as ciências correlatas, valoriza-se o fator “terreno” no complexo determinante da enfermidade, entram em conta os fatores sociais em patologia, ressurge o espírito clínico, renasce o gosto pela cultura geral e a filosofia reocupa o seu lugar de primazia. É o triunfo do dinâmico, do funcional, do imponderável, do qualitativo. É o domínio da fisiologia e da psicologia. É o triunfo da medicina psico-somática. É a medicina individualizada, é o conhecimento do homem total, em marcha para a configuração de uma ciência do homem, no esplendor das promessas com que nos acena a medicina preventiva.

Na floração destas magníficas realizações, é que desponta a história da medicina. No instante em que um sôpro de universalidade, de síntese, de unidade, de harmonia e equilíbrio anima e revitaliza o pensamento médico, voltam-se os artífices do progresso nesta seara do conhecimento para a história, procurando colher dos ancestrais, ensinamentos e inspiração. Já se identificou o progresso a uma linha espiral enrodilhando-se sobre si própria e passando sempre acima do ponto donde proveio. O “progresso verdadeiro é uma síntese de duas perspectivas, uma aberta sobre o futuro e outra sobre o passado”, já o disse Delore.

Hoje, armado do método científico da experimentação, da análise e da síntese, cuidamos de redescobrir as noções que o empirismo acumulou através dos tempos, selecionando todo o material útil e incorporando-o em caráter definitivo ao legado da ciência. No momento em que a moderna medicina se arroga a imensa tarefa de conciliar síntese e análise, quantitativo e qualitativo, morfologia e função, estático e dinâmico, somático e psíquico, procurando reunir e utilizar de maneira harmônica estas duas tendências, a história da medicina surge como uma disciplina capaz de englobá-las e vivificá-las, com o seu fluido mágico. Sobrepassando a tôdas as especialidades, constitui-se como a cúpola soba qual se abrigam tôdas elas. Nos grandes centros universitários de todo o mundo, seu ensino é ministrado como matéria autônoma, multiplicando-se as associações criadas para seu cultivo, bem como os órgãos publicitários para sua difusão.

No Brasil, graças à prodigiosa dedicação de Ivolino Vasconcelos, os estudos de história da medicina estão sendo estimulados pela sua vitoriosa realização do Instituto Brasileiro de História da Medicina. No passado, ensino especializado da matéria foi ministrado nos cursos acadêmicos, cogitando-se, agora, do seu restabelecimento nas próximas reformas.

AS RESPONSABILIDADES DA BAHIA

Com a criação de Institutos filiados, em Pernambuco, Rio Grande do Sul e Pará, seria sobremodo desairoso para a Bahia retardar sobre qualquer pretexto a fundação do seu Instituto congênere. Sôbre ter sido berço da nacionalidade, cabenos, como motivo de justificado orgulho, o título de “berço da medicina nacional” na expressão autorizada de Gonçalo Muniz. Aqui, se criou, pela carta régia de 18 de fevereiro de 1808, a instâncias do barão de Goiana, o ensino médico no Brasil. Para aqui, vieram os primeiros diplomados de Coimbra e Mont Pellier. Daqui, partiram em 1800 os primeiros jovens ávidos de conhecimentos médicos, quando da suspensão das disposições que proibiam a carreira científica aos brasileiros. Em nossa terra, realizaram os jesuítas um fecundo e providencial esforço de improvisação, na assistência às nossas populações autoctones de cujas práticas empíricas muito também aprenderam e praticaram.

Estas evocações põem em relêvo a participação valiosa que tivemos no alvorecer da nossa civilização. Se é certo que à Bahia não tem faltado pesquisadores de prol, interessados em rebuscar nos nossos arquivos material que ilustre a evolução do conhecimento médico entre nós, também é verdade que farto manancial de indagações permanece virgem de estudos. Relatórios de juntas de saúde, livros de assentos de óbitos, documentos parlamentares, cartas dos jesuítas, estudos e teses médicas, constituem primorosa fonte de investigação, desafiando a paciência e a curiosidade dos interessados na história médica da Bahia.

A Medicina, como o conjunto de concepções biológicas aplicadas na cura do homem doente, é pouco fértil em documentos que fixem a sua evolução, não constituindo isso obstáculo invencível ao seu estudo. Sem arriscar-me à pretenciosa assertiva da existência de uma medicina bahiana como de certo pretenderia Abraham Rinsky ao aplicar a conceituação de Splenger ao estudo da história da medicina regional, creio que poderemos modestamente procurar enriquecer o nosso patrimônio histórico, no que tange ao desenvolvimento da prática médica, sem resvalar para o tom apologético e de estreito narcisismo regionalista em que comumente se banalizam os estudos históricos. Saibamos cuidar de tudo quanto é regional e tradicional no passado da medicina praticada na Bahia, com espírito crítico severo e arguto e aquela simpatia humana pelos temas em certo pesquisador identificou uma modalidade de “endogamia intelectual” (Gilberto Freyre). Se volvermos para traz os olhos da recordação, assistiremos ao desfile dos grandes médicos nascidos ou formados na Bahia: Alexandre Rodrigues Ferreira, Manoel José Estrêla, José Soares de Castro, José Avelino Barbosa, José Lino Coutinho, Vicente Ferreira de Magalhães, Manoel Maurício Barbosa, Jônatas Abott, Eduardo Ferreira França, Antônio José Alves, Antônio Januario de Faria, Salustiano Ferreira Souto, Antônio Mariano do Bomfim, Demétrio Ciríaco Tourinho, Adriano Alves de Lima Gordilho (Barão de Itapoan), Francisco Rodrigues da Silva, José Luiz de Almeida Couto, Domingos Carlos da Silva, Virgílio Clímaco Damásio, Ramiro Afonso Monteiro, Manoel Joaquim Saraiva, Jerônimo Sodrê Pereira, Egas Carlos Muniz Sodrê de Aragão, José Pedro de Souza Braga, Antônio Pacífico Pereira, Manoel Vitorino Pereira, Climério Cardoso de

Oliveira, Raimundo Nina Rodrigues, Joaquim Mateus dos Santos, Alfredo Brito e Oscar Freire, para limitar-me aos que pontificaram antes do presente século.

Seus continuadores nas cátedras e na clínica honraram a tradição deixada e muitas vezes os sobrepujaram em realizações. Especial menção deve merecer pela originalidade das suas contribuições a tríade sabia que lançou as raízes da clínica tropical - Patterson, Wucherer e Silva Lima, bem como Pirajá da Silva, Leoncio Pinto e Prado Valadares, pela contribuição diversa que trouxeram ao conhecimento da esquistosomose.

Hoje, a tradição gloriosa da medicina é zelosamente guardada e enriquecida pela Faculdade de Medicina em cujo templo augusto nos acolhemos e tonificamos para arriscar-nos às jornadas da ciência como esta que nos reúne nesta solenidade inaugural. Seus professores eminentes continuam ministrando ensinamentos básicos às gerações que se sucedem e aqui se aparelham tecnicamente para os misteres da clínica. Lá fora, outras tantas oficinas de labor médico agitam-se e se alvoroçam no sadio empenho de servirem à ciência e à humanidade que padece. O velho Hospital Santa Isabel, alentado por um poderoso elan de rejuvenescimento, os órgãos assistenciais do Estado, os sanatórios particulares, o Ibit, os serviços de assistência social, os ambulatórios dos institutos de previdência, as clínicas particulares, constituem centros de atividade médica onde, singelamente, se elabora aquilo que amanhã virá constituir o patrimônio científico de nossa terra.

MÉTODOS DE PESQUISA HISTÓRICA

Tarefa primordial para os que desejam adentrar-se nos estudos e indagações históricas, será a de capacitarem-se dos meios e das técnicas que a ciência põe hoje ao alcance de todos os pesquisadores. A tendência moderna para considerarem-se os fatos históricos como aglomerados de fatos particulares e meros pressupostos em que a ciência tem de basear-se, está sendo superada por vigoroso esforço no sentido de aplicar-se o método científico ao conhecimento destes domínios.

Bertrand Russel estabeleceu de maneira lapidar as características deste método no seu magnífico “Panorama Científico”. Consiste ele em fixar os “fatos significativos” e depois levantar hipóteses que, se verdadeiras, expliquem aqueles fatos e, numa terceira etapa, “deduzir estas hipóteses consequências que possam ser provadas pela observação”. No desdobramento do seu trabalho, terá o cientista que exercitar o raciocínio dedutivo e o indutivo, estabelecendo a hierarquia das proposições conexões e o fio das conexões que logicamente, deverão manter entre si. Ao historiador, impossibilitado de recorrer à experimentação, muito servirá a busca da inteligente e criteriosa dos “fatos significativos” compreendidos como tais aqueles que “ajudam a estabelecer ou refutar alguma lei geral”. Torna-se, deste jeito, imprescindível o conhecimento das teorias, das diretrizes doutrinárias, do pensamento e da inspiração que nortearam as realizações das diferentes épocas, para que este cotejo, esta aferição, este confronto fundamental à fixação do valor da pesquisa histórica. Em função dos ideais e das concepções das épocas pretéritas, é que teremos de nos aprofundar-nos na procura de dados particulares, materiais, que podem ter ensejado origem àqueles como podem sobre os mesmos haver atuado até para negá-los ou provar a sua nenhuma razão de ser.

Adquire assim especial significado e dificuldade a realização de estudos históricos que tenham genuíno caráter científico. A pureza e validade das fontes consultadas, o joiramento dos fatos através de uma atitude crítica severa e lúcida, a planificação de todo trabalho a realizar, são outros tantos requisitos que se impõem queiram efetuar obra séria e produtiva. Estamos fatigados das volumosas memórias, dos arquivos maçudos, dos anais bizantinos e dos livrões comemorativos dos centenários, muitos deles recheados de rugas e particularismos extravagantes onde se despersonaliza o investigador, diluindo-se a sua inteligência na massa amorfa e desvitalizada do material recolhido em pacientes trabalhos.

Urge doutro lado, racionar os adjetivos, fugir ao caráter laudatório e ufanista de grande parte das publicações que redundam na criação de falsos ídolos, equívocas notoriedades e consagrações imerecidas, tendo-se doutra parte o escrúpulo de não descambar no anedótico, no obsceno e na iconoclastia sistemática com que grangearam fama muitos dos nossos escritores.

Temos na Bahia, de par com desvantagens manifestas, a escassez dos nossos recursos materiais, a carência de técnicos em grande número, a feliz compensação de possuímos amplos e originais campos de pesquisa, homens inteligentes e apaixonados dos estudos históricos a cuja fonte se coloca uma pequena e brilhante vanguarda de estudiosos, impregnados dêste sentido novo que a técnica científica imprimiu a êste ramo da atividade intelectual. Corôa estas vantagens a especial contingência de ter a Bahia no seu passado figuras eminentes para as quais nunca serão sobejos e excessivos os panegíricos e as glorificações.

NOVOS DEVERES DOS MÉDICOS

Responsabilidades novas, em face a velhas questões, estão entretanto a reclamar a atenção dos médicos.

A ciência, como força nova impulsionadora do progresso, é jovem de três séculos e o poder de manipulação que ela conferiu aos homens, através da técnica, só, há pouco mais de um século vem produzindo as miraculosas a que assistimos. A fase revolucionária que vivemos provém sobretudo de mudanças que a técnica científica operou sobre os nossos hábitos, conceitos, crenças e aspirações. Perdidos no turbilhão da luta cotidiana nem sequer nos apercebemos das transformações que em tôrno de nós, sôbre nós e apesar de nós, se realizam conferindo fisionomia nova à nossa civilização e impondo deveres novos aos que tivemos o feliz privilégio de viver esta trepidante quadra de transição.

Impõe-se, nesta altura, que nos detenhamos e volvamos os olhos em tôrno a um mundo combalido por uma guerra cruel, lutando por uma paz contra a qual conspiram a cobiça e a desvairada paixão de domínio, que escutemos as imprecações de sofrimento da humanidade a bruços com a fome, o desabrigo, a doença, a instabilidade econômica e os desajustamentos de toda sorte que procuremos sintonizar-nos ao ritmo do pensamento novo que acena com rumos diferentes para a medicina, alargando o seus horizontes benfazejos, de molde a comportar o indivíduo e o meio, o enfêrmo e o seu ambiente, dentro de esquema do “homo sano in societas sana” que a medicina integral objetiva. Vivamos, na

plenitude de suas amplas perspectivas, a era da medicina social, cogitação nova, onde mais seguramente se afirma o sentido neo-humanista da medicina moderna. Um dos mais atraentes comentaristas de temas médicos ensinou-nos há pouco que “nada que seja humano deve estar alheio à medicina, pois ela é essencialmente o estudo do homem”.

Nós, médicos, temos sido através dos tempos, heróis e peões, figuras de veneração e renegados, sacerdotes e demônios, artifices da felicidade, e “invencível superstição” como nos chamou Daudet. Como defensores da saúde contra as doenças, como patronos da longevidade, como lutadores contra a morte, como criadores de alegria e de conforto, ninguém aos médicos superou em sacrifícios, abnegação e audácia intelectual que os têm ajudado a arrostar sozinhos os vendavais que a superstição e a ignorância têm feito desencadear em torno deles. Basta referir Vesalius, Harvey, Paracelso e Freud, sem falar no químico Pasteur, como pontos cintilantes deste firmamento de “revolucionários da ciência”.

Hoje, defrontamos novos problemas em que idênticas qualidades, têmperas semelhantes, têm de ser postas à prova. Estamos sendo desafiados por novos enígmias e por novas equações que nos armam e tramam as contradições várias criadas pelo próprio progresso científico. Dentre elas urge sanar o gritante paradoxo de haver a ciência multiplicado seus meios de diagnóstico e de cura, enquanto um número cada vez maior de homens mergulha no desamparo e na morte, sem sequer aspirar a êstes benefícios prodigalizados pela ciência. Dir-se-á que isto importa e diz respeito a questões diferentes da medicina como prática científica e que os médicos fazem o quanto podem para atenuar essa situação. Que haverá nisso como argumento e como desculpa? Temos, sem dúvida, pesando sobre os nossos ombros, o ônus da assistência social no Brasil, do socorro médico aos necessitados, num país cujas rendas públicas e falta de planos governamentais não nos permitem esperar por uma solução imediata para este terrível problema. Isto, todavia, não nos impede, antes nos obriga e torna imperiosa uma atuação política consequente da classe médica, não concebida nos moldes do partidarismo estreito, mas alimentada do salutar propósito de estudar as determinantes econômicas, sociais e políticas da crise, de cooperar com o poder público para o encaminhamento de soluções práticas, de criar uma consciência pública da gravidade que esta calamitosa situação representa para o nosso próprio futuro como nação e finalmente de unir a classe médica e fortalecê-la, tornado a um grupo cuja atuação social possa cada vez mais fazê-la digna do apreço e das bênçãos das gerações futuras.

PALAVRAS FINAIS

Esta é uma profissão de fé e a superior inspiração que me anima ao saudar os companheiros e amigos que compõem a primeira diretoria do Instituto Bahiano de História da Medicina, juntamente com seus ilustres membros titulares.

Aos bons augúrios de êxito na jornada que se inicia, juntemos a confiança que nos encoraja de obter o estímulo e o auxílio do que a Bahia possui de representativo da sua cultura.

Volvamo-nos com ternura para que as nossas tradições, acariciemos a nossa herança de estudos e trabalhos, recolhamos com veneração o exemplo dos nossos predecessores, respeitemos o passado, atentos àquela advertência de Bertrand Russel de que “nem toda sabedoria é nova, nem todas as tolices são antiquadas”. Se assim fizermos, se não fugirmos a êstes compromissos, teremos servido de maneira construtiva aos interesses da cultura e à grandeza da Bahia.”

ALOCUÇÃO DO PROF. EDUARDO DE SÁ OLIVEIRA (PRIMEIRO PRESIDENTE DO IBHM E PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CLÍNICA CIRÚRGICA DA FMB/UB), PRONUNCIADA NA SOLENIDADE DE INSTALAÇÃO, NO SALÃO NOBRE DO PALACETE DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA, EM 11 DE JUNHO DE 1947.

“Exmos. Srs. Representantes das Autoridades Federais, Estaduais e Municipais.
Exmo. Sr. Representante de Exmo Sr. Arcebispo Primaz.
Exmos. Srs. Professores desta Faculdade.
Exmas. Senhoras.
Ilustrados Colegas.
Meus Senhores.

A fundação de um núcleo de estudos de História da Medicina, na Bahia – a mais histórica das terras do Brasil – corresponde às aspirações culturais do nosso povo. Em verdade, sempre entendeu a nossa gente que a história define uma nação e constitui a maior garantia da própria nacionalidade. Ela é a voz do passado, falando ao ouvido presente, para lhe dar nítida visão do futuro. É, através de suas sábias lições, o grande guia de os tempos.

Sim, porque a história se repete, conforme a experiência da vida.

Repete-se porque do fenômeno físico ao moral, sendo semelhantes as condições, análogos serão os resultados. Torna-se, conseqüentemente, a verdadeira “*magistra vitae*”.

Com muita razão pontificou eminente Prof. Anselmo da Fonseca, na sua excelente Memória Histórica (1891): “Grande, augusta e sublime é a missão da História!

Missão de verdade e de justiça, missão de paz, de tolerância, de benevolência e concórdia!

No mundo social a história é a principal fonte do saber, o esteio da verdade, a revelação do direito, o menos defectível tribunal da justiça, o melhor fundamento do juízo, o mais douto educador do critério e do discernimento, o sol da razão.

Aqui é principalmente ela que nos permite avaliar das situações com exatidão, julgar das cousas com segurança, conhecer com clareza se traçamos derrota conveniente e sábia ou nos desviamos da trajetória da civilização, da direção marcada pela bússola que indica o polo do progresso e do bem geral.

Admirável expressão, pois, e eternamente bela, a de Tácito dizendo da história que ela era a “consciência do gênero humano”.

Nos domínios da clínica, é o elemento inicial e fundamental para firmar-se um bom diagnóstico, que, por sua vez, indicará a terapêutica apropriada.

Na prática do direito, mostra-se o orientador seguro para a justiça dar seus grandes pronunciamentos.

No campo da sociologia, tem-se revelado o conselheiro mais preciso, o maior condutor de povos.

Na paz, ela é a alegria, o conforto, o estímulo de sua nação; enquanto na guerra, é a própria honra que exige a salvação da pátria.

Assim sendo, como descuidar-se do estudo da “mestra da vida?”

Os indivíduos ou os povos que desprezam a história, cometem graves erros, praticam injustiças, com suas consequências, algumas irreparáveis, outras desalentadoras.

Por falta de cultura histórica da nossa medicina, há pouco, agitou-se entre nós, de modo injusto, a questão do desenvolvimento do ensino médico,

Tratando desse magno assunto, escrevemos, alhures: - Diz o preclaro mestre Gonçalo Moniz – “estamos constantemente a ouvir ou a ler lamentações mais ou menos vivas ante a decadência ou retrogradação deste Instituto de ensino superior, lamentações acompanhadas de recriminações aos apontados como responsáveis por semelhante involução, e filhas da convicção de que a situação e o funcionamento dele já foram, em outras épocas, superiores ao que são atualmente.

Creio, no entanto, que os que assim pensam ou assim se enunciam são vítimas de uma ilusão a que as sujeitas, em todos os tempos, grande número de pessoas.

Nada mais comum, com efeito, do que achar-se o presente sempre inferior ao passado.”

Desenvolve, em seguida, - com aquela sua lógica insuperável, com uma exuberância esmagadora de provas, tão do seu feitio nas pelejas científicas em que se empenhava, fazendo sempre cuidadoso estudo prévio da matéria sobre a qual iria opinar – o momentoso tema do progresso do ensino, afirmando não ser dos *laudatores temporis acti* bem um *detractor temporis acti*, e, depois, de transcrever a opinião de contemporâneos seus sobre a decantada decadência, vai ao passado e traz a palavra de Pacífico Pereira e Alfredo Brito (1908), Souza Lima e Benício de Abreu (Rio, 1884), Rodrigues da Silva (1861), Antônio Alves (1857) para então declarar: “A avaliar-se pelos testemunhos invocados, chegaríamos logicamente à conclusão de que o apogeu deste vetusto templo da medicina, o período de mais fúlgida magnificência da sua história, a sua idade de ouro, estaria na fase primordial da sua existência, quando era constituído pela Escola de Cirurgia, servida por dois professores, sem casa, sem instalações, sem nenhum material de trabalho” ...

Acrescenta o saudoso professor: “Desenvolver-se morosamente, porém, não avançar com a aceleração que todos desejáramos, não é a mesma cousa que estrair em decadência. Decair é resvalar de um nível elevado para outro mais baixo, é abater-se, descambar, e, figuradamente, minguar, piorar, degenerar”.

Se esses detratores da nossa atual situação cultural tivessem lido, antes de se externarem, os conceitos profundamente sinceros e verdadeiros que transcrevemos; não fora o vêzo, infelizmente tão seguidos por muitos, de preferir, em certos assuntos, a crítica demolidora à colaboração construtora; se não predominasse essa mentalidade que admira, aplaude, estimula e venera o talento verbal, a serviço do individualismo improdutivo, de certo, não teríamos necessidade de focalizar uma questão já de modo tão exaustivo apreciada e resolvida,

Com efeito, a pressa de opinar de tantos indivíduos; o desejo de acusar os outros; a eloquência vã de alguns, têm sido causa de velha campanha, poder-se-ia denominar, contra a decadência do ensino médico, em geral, no Brasil.

Mostra-nos a história pelas rápidas considerações feitas, que o presente sofre as mesmas agruras do passado, em matéria de ensino, e também que, mais tarde receberá a justiça serena e confortadora das consciências nobres. Os contemporâneos, via de regra, não julgam seus feitos com inteira isenção de ânimo, Se passarmos para um campo mais largo, embora *per suma capita*, como vimos fazendo, observamos, observaremos que os anais dos nossos tempos registam a mais dura e a mais útil das lições, ainda por omissão histórica, e dessa vez gravíssima. Quando o homem, após um incrível avanço nos domínios da ciência, conquistou os céus, a terra e os mares, ao ser sacudido por um vendaval de idéias antidemocráticas, por falta de equivalente estudo e aplicação da moral, que ficou relegada a segundo plano, caiu no mais profundo abismo e ao emergir sente-se mais apavorado com a visão dantesca de desgraça maior.

O grande avanço do engenho humano, em lugar de propiciar a felicidade geral, trouxe a intranquilidade mundial dos nossos dias, com a perspectiva da guerra total. É que sem moral, nos ensina a história, as sociedades se corrompem, desagregam-se, na mais lamentável situação ...

Postergados os são princípios da ética, a humanidade continua atravessando uma das suas fases mais terríveis; os homens não mais se entendem, porque estão em pleno século da insinceridade ... Esqueceram-se da suave moral cristã: amai-vos uns aos outros ... e a vida tornar-se-á uma tortura insuportável, se não se acudir com o bálsamo da fraternidade.

Ouçamos agora mais do que nunca, os ensinamentos oraculares da maior mestra de todos os tempos; somente a consciência histórica indicará o roteiro seguro aos povos livres e civilizados.

Para cultivar e desenvolver essa fonte eterna de sabedoria, estamos reunidos nesta augusta catedral das ciências médicas, assumindo, pública e solenemente, o compromisso de honra de servirmos com toda dedicação ao Instituto Bahiano de História da Medicina.

Essa organização cultural vem suprir, também, a falta de um curso, como houve nesta Faculdade, de história da Medicina, cujos benéficos resultados são suficientemente conhecidos e proclamados.

Filiado ao seu congênere do Rio de Janeiro – o “Instituto Brasileiro de História da Medicina” – já em marcha avançada e vitoriosa, graças aos esforços de um grupo de espíritos alcandorados, terá o nosso Instituto, como garantia de longa vida e dos mais fulgurantes êxitos, os nomes dos seus sócios, a tradição cultural da nossa classe, a responsabilidade histórica do nosso grande Estado.

Sob os auspícios dessa célebre data de 11 de junho, quando as nossas forças navais, Em 1865, cobriram-se de glórias excepcionais, realizamos essa sessão solene de instalação, nesta casa, onde foram iniciados os estudos da medicina brasileira.

Temos a impressão, neste momento marcante, de ouvirmos a voz de um século de história médica, que desfruta da mais decisiva autoridade, num país de quatro séculos de história, anunciando ao Instituto recém-organizado a certeza da vitória, para o engrandecimento da nossa cultura e progresso da civilização.

Aqui, com os sábios jesuítas, o Brasil aprendeu a ler e a rezar; mais tarde, nas lições dos mestres da medicina, viu como evitar e curar as doenças; hoje, orgulha-se do seu passado e prepara a grandeza do seu porvir.

Fecunda “Escola de Cirurgia da Bahia” (1808) – núcleo inicial de ensino da medicina brasileira; grandioso “Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia” (1815) – onde se estudava a ciência e se desenvolvia o ideal de liberdade, que guiou a nossa brava gente na luta sagrada da independência nacional; imortal Faculdade de Medicina da Bahia (1832) – cujo teto tem servido de prestimoso abrigo para o anjo da caridade nos transe mais perigosos de nossa vida e seus anfiteatros e laboratórios para ensinar o *divinum opus* – as gerações que se sucedem – o Instituto Bahiano de História da Medicina cultivará os louros das suas valiosas conquistas científicas, como também formará intransigentemente ao lado daqueles que veneram os seus muros seculares, e respeitam os nossos monumentos históricos, porque vêm neles os testemunhos eloquentes das fases de engrandecimento da Pátria!

As páginas da tua brilhante vida, gloriosa Faculdade, serão as brilhantes páginas da história que o nosso Instituto escreverá, visando a verdade – suprema aspiração dos homens probos; a justiça – garantia maior do equilíbrio social; a felicidade dos povos – eterna lição da história para aqueles que seguem seus sábios conselhos.

Trabalharemos, Deus louvado, sem desânimo pelo nosso ideal, que visa a ciência ao serviço dos mais puros interesses da humanidade.

Lutaremos, com vivo entusiasmo porque sabemos que somente as grandes lutas proporcionam as grandes vitórias.

Avante, pois, meus prezados consócios; somos todos nós soldados desse exército em formação, no mundo inteiro, para travar, algum dia, essa decisiva batalha espiritual em que a inteligência vencerá a ignorância; o direito sobrepor-se-á ao absolutismo; a ordem suplantar a desordem; enfim, as forças do bem dominarão, definitivamente, as forças do mal, respeitando-se a dignidade do homem e assim ele poderá mostrar, *urbi et orbe*, que tem na verdade a suprema alegria de viver!

Ao lado dessas palavras de fé e de esperança, cumprimos, agora, o dever de apresentar, em nome do Instituto, as de profunda gratidão e do mais elevado apreço, às autoridades aqui presentes ou que se fizeram representar, às Exmas. senhoras e digníssimos senhores, pois a todos devemos a imponente desta solenidade, do mais alto significado cultural para a nossa idolatrada Bahia.

FONTE: ARQUIVOS DO INSTITUTO BAHIANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA / VOLUME I – 1948 (Sem identificação da editora) p. 6-25.